

OS ENLUTADOS SERÃO CONSOLADOS (MT 5:4)? ESTRATÉGICAS BÍBLICO- TANATOLÓGICAS PARA O CUIDADO COMPASSIVO NA IGREJA LOCAL

WILL THE GRIEF BE COMFORTABLE (MT 5:4)? BIBLICAL-
THANATOLOGICAL STRATEGIES FOR COMPASSIONATE CARE IN THE
LOCAL CHURCH

¿SERÁN CONSOLADOS LOS QUE LLORAN (Mt 5:4)? ESTRATEGIAS
BÍBLICO-TANATOLÓGICAS PARA EL CUIDADO COMPASIVO EN LA
IGLESIA LOCAL

RESUMO

Este artigo busca responder à pergunta: como a igreja local pode oferecer um suporte eficaz aos enlutados, combinando os ensinamentos bíblicos com o conhecimento técnico da Tanatologia? O objetivo é investigar e apresentar práticas eficazes para promover o cuidado do enlutado na comunidade religiosa. Utilizando uma abordagem do método hipotético dedutivo de base lógica, a pesquisa examina as práticas existentes, revisa a literatura especializada e propõe estratégias para acolher o enlutado de forma compassiva e empática. Os resultados destacam a importância do engajamento ativo dos líderes e membros da igreja na implementação de uma cultura de acolhimento e apoio ao luto. Recomenda-se investir em treinamento, recursos e práticas que promovam a compaixão, visando fortalecer o papel da igreja como agente de acolhimento e esperança no luto.

Palavras-chave: Luto. Poimênica. Teologia Pastoral. Tanatologia. Teologia do Sofrimento.

INTRODUÇÃO

O luto é uma experiência universal e inevitável ao longo da vida, caracterizada pela dor emocional resultante da perda de um ente querido. Diante desse desafio, indivíduos enlutados frequentemente buscam apoio e consolo em suas comunidades religiosas, onde esperam encontrar compaixão, empatia e orientação espiritual para lidar com sua dor.

¹ Bacharel em Teologia pela FABAPAR. Capelão Conselheiro no Luto na Primeira Igreja Batista de Curitiba. Brasil. leonardo.lima@pibcuritiba.org.br

No contexto da igreja local, o cuidado pastoral aos enlutados desempenha um papel crucial na promoção do bem-estar emocional e espiritual da comunidade. No entanto, muitas vezes, as abordagens tradicionais de apoio ao luto podem não ser suficientes para atender às necessidades complexas dos enlutados em um mundo contemporâneo em constante mudança.

Neste sentido, surge a necessidade de explorar e desenvolver práticas ministeriais eficazes que combinem os ensinamentos de Jesus Cristo (a Palavra de Deus) com o conhecimento técnico da Tanatologia, ciência que estuda a morte e o morrer, o que inclui o processo de luto. Essa abordagem integrativa visa criar uma cultura de compaixão na igreja local, proporcionando um ambiente de apoio empático e estruturado para aqueles que vivem o luto. Desta forma, esta pesquisa buscará responder à questão central de como a igreja local pode oferecer um suporte eficaz aos enlutados, combinando os ensinamentos bíblicos com o conhecimento técnico da Tanatologia.

O interesse do pesquisador por esse assunto surgiu, primeiramente, devido à experiência profissional no campo da capelania hospitalar. Em segundo lugar, a vivência do pesquisador de uma grande perda, seu pai, e como a igreja atuou nesse contexto. Por último, a experiência atual do pesquisador em tempo integral no Ministério de Luto da igreja, onde têm recebido reiterados relatos de pessoas que se sentiram feridas pela igreja durante o processo de luto.

Motivado por essa experiência profissional, pessoal e ministerial, este artigo tem como objetivo propor estratégias para a implantação de uma cultura que reflita a compaixão segundo a Bíblia na igreja local, visando oferecer suporte adequado aos enlutados. Para isso, será realizada uma revisão da literatura sobre o tema, explorando os obstáculos contemporâneos para o cuidado do luto, as práticas ministeriais eficazes de outras comunidades religiosas e os princípios fundamentais da Tanatologia, sem a pretensão de esgotar o tema que é demasiado amplo e complexo.

Ao final, espera-se fornecer *insights* valiosos e diretrizes práticas para líderes e membros da igreja local, capacitando-os a desempenhar um papel significativo no acompanhamento e apoio aos enlutados, conforme exemplificado pelos ensinamentos e o exemplo compassivo de Jesus Cristo.

1 COMPAIXÃO DIANTE DO LUTO

Ao abordar o acolhimento aos enlutados, é importante destacar a compaixão e o consolo divino diante do sofrimento pela perda de um familiar. Fernandes (2021, p. 48) ressalta que etimologicamente ‘compaixão’ significa “ato de sofrer com”, derivado de com-paixão (passio, paixão). Essa raiz etimológica nos lembra que a compaixão exige uma identificação com o sofrimento do outro. Jesus exemplifica essa compaixão de forma dinâmica, como evidenciado em Mateus 9.36 (ARC), onde “Jesus, vendo as multidões, **moveu-se** de íntima compaixão por elas” (grifo nosso). Lopes (2019, p. 317), em seu comentário sobre a mesma passagem afirma “Não há missão sem compaixão. Não há ministério eficaz sem misericórdia. Jesus amava pessoas. Ele gostava de gente. Importava-se com elas”. A partir da análise de Lopes, podemos inferir que a compaixão de Jesus não era estática, mas um impulso para a ação, um amor que se traduz em cuidado e serviço.

McCown (2007, p. 118) destaca que a compaixão é o amor em ação, como observado em Mateus 9.36, e continua explicando que “Jesus, em seu ministério, parece ter agido precisamente com essa motivação”. Deus é uma pessoa compassiva, que se move para estar com aqueles que sofrem, como demonstrado ao caminhar ao lado dos discípulos enlutados em Lucas 24.13-35 (NTLH), onde “o próprio Jesus chegou perto e começou a caminhar com eles”. Essa imagem de Jesus caminhando com os discípulos no caminho de Emaús ilustra a importância da presença e do acompanhamento no cuidado aos enlutados. No contexto do Novo

Testamento, Jesus frequentemente agiu em compaixão, caminhando com os que sofriam, cuidando, curando e agindo em amor compassivo.

Paulo também instrui os crentes “povo escolhido de Deus, santos e amados” a se revestirem de compaixão, em Colossenses 3.12, “revistam-se de profunda compaixão”, onde Calvino (2010, p. 570) explica que isso demonstra a renovação em Cristo, “transparecerá que sois renovados por Cristo, quando fordes misericordiosos e bondosos. Pois estes são os efeitos e evidências de renovação.” Além disso, Paulo instrui os crentes (Romanos 12.15), “chorar com os que choram”, enfatizando a importância de compartilhar o sofrimento uns dos outros, como explica Calvino (2013, p. 506) “deixar de demonstrar real tristeza em seu infortúnio, é sinal de desumanidade. Portanto, sintamos compaixão uns pelos outros, de forma que nos identifiquemos mutuamente, demonstrando o mesmo estado mental.” Nesse sentido, a compaixão não é apenas um sentimento individual, mas uma prática comunitária que envolve compartilhar o sofrimento e oferecer apoio mútuo.

A análise do texto de Marcos 1:41, revela-se a compaixão e o poder de Jesus em trazer consolo e restauração aos que sofrem. Segundo Lopes (2012, p. 122), a atitude natural seria escorraçar o leproso, porém, Jesus sentiu compaixão por ele, curou-o e devolveu-lhe dignidade, desafiando as normas sociais e religiosas da época. Jones (2018, p. 193) contextualiza que a lepra era altamente estigmatizada, tornando os leprosos marginalizados e excluídos. Ao demonstrar compaixão, Jesus não só restaurou a saúde física do leproso, mas também o reintegrou à comunidade, refletindo o amor de Deus em ação e desafiando preconceitos sociais. Essa ação, conforme Lopes (2012, p. 129), é um exemplo inspirador do poder de transformação de Jesus, que busca acolher o sofrimento humano e reintegrar os marginalizados à comunidade, uma mensagem relevante para a igreja no acolhimento dos enlutados.

A igreja continuou pelo primeiro e segundo séculos a praticar atos de compaixão e cuidado como relata Policarpo de Esmirna (69 a 155 d.C.) em sua carta aos Filipenses (110-140 d.C.):

Capítulo 6:1 E que os presbíteros sejam também compassivos, misericordiosos para com todos, trazendo de volta os que vagam, cuidando de todos os fracos, não negligenciando nem viúva, nem órfão, nem pobre, mas sempre cuidando do que é bom diante de Deus e dos homens. (KIBUUKA e RODRIGUES, 2021, p. 122).

Ao concluir a exploração da compaixão divina como base para o cuidado com os que sofrem, é crucial adentrar na tanatologia. Essa ciência moderna, originada nos Estados Unidos (1970) e no Brasil (1980), analisa os processos de morte e luto de forma técnica e científica. Integrar a teologia com essa compreensão científica é fundamental para uma atuação adequada no cuidado ao enlutado, combinando fé e conhecimento para oferecer suporte holístico em meio à dor da perda.

2 TANATOLOGIA COMO FERRAMENTA NO CUIDADO

A Tanatologia é a ciência que pesquisa sobre os fenômenos da morte e do morrer. Kovács introduz com detalhes o campo de atuação qual se propõe a ciência tanatológica:

[...] área de conhecimentos e de aplicação, envolvendo cuidados a pessoas que vivem processos de morte pela perda de pessoas significativas, processos de adoecimento, em decorrência de comportamentos auto-destrutivos, suicídio, ou por causas externas, pela violência presente principalmente nos centros urbanos. (KOVÁCS, 2008, p. 458).

Alguns dos principais temas atuais da Tanatologia são (KOVÁCS, 2008, p. 459): Estudos Sobre o Luto, Violência e Guerras (2008, p. 464), Morte na TV (2008, p. 464) e Educação para a Morte (2008, p. 466). Os pesquisadores desta ciência podem atuar em diversas áreas profissionais, tais como: teólogos, médicos psiquiatras, psicólogos, psicanalistas, sociólogos, entre outros.

Dentro do tema do luto, os pesquisadores têm desenvolvido teorias e práticas para compreender os fenômenos e cuidar dos enlutados, como abordaremos neste artigo. Nosso objetivo é compreender como o cuidado espiritual compassivo pode ser eficaz, proporcionando os benefícios espirituais e emocionais necessários para aqueles que estão passando pela perda.

2.1 OS OBSTÁCULOS CONTEMPORÂNEOS DO CUIDADO AO ENLUTADO

Ao abordar o luto, entra-se no temido e evitado tema da morte, um tabu em uma sociedade voltada para o “culto da felicidade” (LUZ, 2021, p. 18) e a “felicidade tóxica”, que impõe constantemente o sucesso e a vitória. Soares e Mautoni (2013, p. 12) descrevem como a sociedade trata a morte e o luto: “o luto deve ser curto, pois em nossa sociedade não é permitido lamentar-se, sofrer ou chorar pela morte. E o tempo todo o que se ouve é: ‘A vida continua.’”

Há uma explicação para compreendermos por que a morte e o processo de luto foram excluídos da sociedade ocidental. Franco explica que a negação da morte está enraizada no medo da fragilidade da vida. Essa negação distancia o ser humano da plenitude da vida, restringindo-a a um espaço limitado de sobrevivência, especialmente na sociedade ocidental (FRANCO, 2021, p. 137). Então para a sociedade ocidental a morte é um símbolo de fracasso, não só pessoal, mas como social e cultural, que afronta a estrutura estabelecida como afirma Franco:

[...] valores sociais estão em fatores como produtividade, sucesso, crescimento econômico, consumo e individualidade, o valor do indivíduo está na acumulação de riqueza material, em sua habilidade para controlar resultados e no exercício do poder pessoal. Para tanto, a meta máxima é obter sucesso, visto pela lente das expectativas sociais, que desvalorizam a experiência pessoal e favorecem medidas de produtividade. Nesse contexto, situações que expõem aquilo que a sociedade

define como fraqueza – por exemplo, pobreza, dependência, incapacidade de controlar a vida – são consideradas vergonhosas. Nessa linha de pensamento, qual é a personagem onipresente ligada ao fracasso? A morte. (FRANCO, 2021, p. 137).

Enxergar o luto como um problema ou doença é um senso comum, que causa muitos problemas ao enlutado afirma Divine (2021, p.14). Outro fator que se apresenta como obstáculo ao validar e acolher o luto é o secularismo, cujo objetivo é a busca pela felicidade e evitação do sofrimento, afirma Keller:

Segundo a visão secular, o mundo físico é tudo o que existe. Portanto, o sentido da vida é a liberdade de escolher a vida que nos faz mais felizes. No entanto, por essa ótica, o sofrimento não tem um papel relevante nela. Ele é uma total interrupção da nossa história; não pode ser uma parte significativa dela. Por essa forma de abordar a vida, o sofrimento deve ser evitado a qualquer custo, ou minimizado o máximo possível. (KELLER, 2016, p. 27).

Negar a morte é uma das formas de não entrar em contato com as experiências dolorosas, afirma Kovács (2005, p. 494), e continua a autora a elaborar a respeito dessa fuga que “a grande dádiva da negação e da repressão é permitir que se viva num mundo de fantasia onde há ilusão da imortalidade”, no sentido de que a pessoa sente que nunca se deparará com a morte.

Para Divine (2021, p. 14) o conhecimento aceito pelo senso comum, ou seja, aquele conhecimento difundido entre o público leigo, agravando o processo de luto “nós o enxergamos como uma coisa a ser superada, algo a ser consertado, e não como algo que necessita de cuidado e apoio”. Continua Divine na mesma perspectiva, apontando que muito além do senso comum, os profissionais da área da saúde também desconhecem com lidar da forma adequada, o que dirá o religioso:

[...] os terapeutas são treinados para entender o luto como um transtorno, e não como uma reação natural a uma grande perda. Quando nem os profissionais sabem como lidar com o luto, como podemos esperar que o resto de nós aja com habilidade e elegância? [...] essas ideias ultrapassadas acrescentam um sofrimento desnecessário à dor natural, normal. (DIVINE, 2021, p. 14).

Além da negação influenciada pelos fatores culturais ocidentais e pelo secularismo, a falta de conhecimento básico ou crenças antiquadas, outros elementos podem afastar os cristãos do envolvimento no apoio aos enlutados. Na Bíblia, Deus alerta sobre como a falta de conhecimento e sabedoria pode ser prejudicial, como em Oséias 4:6 e Isaías 5:13, mostrando que isso se estende ao cuidado com os que sofrem. Além disso, pode haver uma vida espiritual superficial ou a ausência de um relacionamento genuíno com Deus. Nessa perspectiva, o Evangelista Mateus registra Jesus ensinando que o servo bom e fiel não se abstém de acolher aqueles que estão sofrendo, conforme Mateus 25:33-41.

2.2 A NECESSIDADE DO CONHECIMENTO DA CIÊNCIA TANATOLÓGICA NO CUIDADO POIMÊNICO AO ENLUTADO

O avanço na missão cristã e na prática do amor e do serviço requer que o corpo de Cristo se equipe com ferramentas e conhecimentos adequados. Desde a era da Reforma, a imprensa desempenhou um papel crucial na disseminação das novas ideias e do Evangelho (ADAM; REBLIN; SALDANHA, 2020, p. 602). A adaptação às novas tecnologias, como rádio e televisão, também teve impacto significativo na propagação do evangelho. Durante a pandemia de Covid-19, o corpo de Cristo demonstrou sua capacidade de se adaptar, conectando-se virtualmente (ADAM; REBLIN; SALDANHA, 2020, p. 599).

É crucial buscar conhecimento técnico e científico para oferecer cuidados aos enlutados, como recomenda Parkes (1998, p. 214), embora com ressalvas, dada a complexidade dessa experiência humana, como detalhado no capítulo 2.1. O acolhimento de enlutados sem o devido conhecimento pode prejudicar o processo, alerta o autor, destacando o risco de um luto mal-elaborado tornar-se um problema de saúde pública (KOVÁCS, 2005, p. 494). Destaca Parkes a respeito da preparação necessária para religiosos no acolhimento de enlutados:

O religioso deveria também estar preparado para mostrar sua aceitação do pesar e, em especial, das manifestações da raiva contra Deus e contra os seres humanos. Não ajudará nada se ele devolver essa raiva, se pretender abafar as emoções com dogmas, ou o sofrimento com tranqüilizações exuberantes. (PARKES, 1998, p. 221).

O conhecimento tanatológico que devemos buscar para o adequado acolhimento ao enlutado pode ser encontrado nas principais teorias e nos renomados pesquisadores da área do luto, dos quais serão abordados na sequência.

2.2.1 AS PRINCIPAIS TEORIAS

Optou-se por consolidar quatro das principais teorias do luto, amplamente utilizadas por renomados estudiosos da Tanatologia. Essas teorias foram principalmente extraídas da obra “O Luto No Século 21”, de Maria Helena Pereira Franco, referência nacional e internacional na área (Franco, 2021, p. 13). Considerando a meticulosa pesquisa de Franco, os próximos capítulos se fundamentam principalmente nessa obra, além dos autores originais das teorias.

2.2.1.1 Teoria do Apego, Tarefas do Luto, Modelos de Fases

A Teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby, a Teoria do Apego afirma que os humanos têm uma necessidade intrínseca de formar vínculos emocionais fortes com figuras de cuidado, geralmente a mãe ou cuidadores principais, conforme Franco (2021, p. 68). Esses vínculos são essenciais para a sobrevivência e o desenvolvimento infantil, influenciando a regulação emocional, a exploração do ambiente e futuros relacionamentos (SOARES; MAUTONI, 2013, p. 15). A qualidade do apego na infância molda os padrões de relacionamento ao longo da vida. Bowlby (1989, p. 42) também explica que o luto é uma resposta natural à perda de um vínculo significativo e é influenciado pela qualidade dos vínculos de apego ao longo da vida.

As Tarefas do Luto, Worden descreve quatro tarefas para o processo de luto: aceitar a realidade da perda (2013, p. 21); processar a dor do luto (2013, p. 24); ajustar-se a um mundo sem a pessoa morta (2013, p. 25); encontrar conexão duradoura com a pessoa morta em meio ao início de uma nova vida (2013, p.28). Franco (2021, p. 85) descrevendo esse processo, destaca que a ideia central do autor é possibilitar a adaptação à nova realidade, fases que se apresentam em um processo ativo.

Sobre o Modelo de Fases mais conhecido, Elisabeth Kubler-Ross, médica psiquiatra, desenvolveu o modelo de cinco fases (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação) para o processo de morte em sua pesquisa com pacientes sob cuidados paliativos (FRANCO, 2021, p. 100). Kovács (1992, p. 194) destaca a relevância da médica no desenvolvimento dos cuidados paliativos, “a grande inovadora neste campo”. Este modelo de “estágios” ou fases originalmente não foi desenvolvido para o processo de luto, mas na sua pesquisa com pacientes em processo de finitude² (FRANCO, 2021, p. 46).

² No passado o termo “paciente terminal” era utilizado tecnicamente e no senso comum, atualmente não mais utilizado, por ser considerado inadequado. Termo técnico atual: processo de finitude.

2.2.1.2 O luto não é vivido em fases

Referindo-se ao conceito de fases, Parkes (1998, p. 15) chama a atenção sobre os perigos da simplificação excessiva de assuntos complexos, tratado como se fosse uma sequência fixa pela qual toda pessoa enlutada precisa passar para se recuperar da perda. Franco apresenta argumentos que demonstram um suposto risco nos modelos de fases:

O problema dessa referência às fases é que elas constroem uma expectativa a respeito do que seria um processo normal de luto, um comportamento adequado para vivê-lo, o qual as pessoas se veem quase forçadas a cumprir, o que torna a trajetória ainda mais difícil. (FRANCO, 2021, p. 101).

Mesmo reconhecendo a relevância do trabalho de Kubler-Ross para a compreensão do processo de morrer, Franco aponta críticas que fundamentam seu ponto de vista:

Falta de fundamentação teórica. Confusão conceitual e significados equivocados para o luto e o enlutar-se. Falta de evidência empírica. Existência de outros modelos para explicar o processo de luto com sustentação teórica e descrição detalhada. Consequências devastadoras do uso das fases: a interpretação equivocada do processo pode levar os enlutados a não se perceberem como de fato estão, apenas se preocupando se estão vivendo de acordo com as fases. (FRANCO, 2021, p. 101).

Desta forma, atualmente o modelo das 5 fases, por exemplo, não deve ser informado ao enlutado, como explicou acima Franco (FRANCO, 2021, p. 101) atrapalha o processo, mantendo o mesmo apenas no âmbito de discussões técnicas e acadêmicas.

2.2.1.3 Processo Dual

O Modelo de Processo Dual de Enfrentamento do Luto (STROEBE; SCHUT, 2010, p. 272), é um modelo teórico desenvolvido por Margaret Stroebe e Henk Schut (FRANCO, 2021, p. 33). Franco observa o impacto desta teoria, mais recente:

[...] tirou o profissional clínico da comodidade de descrever o processo como se fosse praticamente estático e revolucionou minha maneira de pensar sobre o luto, sem a previsibilidade de fases sequenciais, possibilitando-me ter respostas para questões sobre a duração do luto e condições particulares em uma família para vivê-lo. (FRANCO, 2021, p. 33).

O Processo Dual está baseado no princípio subjacente da oscilação, ou seja, o enlutado está em constante oscilação de enfrentamento entre os aspectos da orientação para a perda e da orientação para a restauração (FRANCO, 2021, p. 83), considerados polos, ou opostos, estressores, detalham Strobe e Schut, que afirmam “uma postulação importante do modelo é que a oscilação entre os dois tipos de estressores é necessária para o enfrentamento adaptativo.” Esta teoria especifica Stroebe e Schut (2010, p. 278), “é um processo de enfrentamento dinâmico, nomeadamente, um processo regulatório denominado oscilação, que o distingue dos modelos de luto anteriores.”

O Processo Dual é a teoria mais utilizada atualmente devido à sua abordagem abrangente, que considera diversas variantes, como as diferenças de sexo na experiência do luto (STROEBE; SCHUT, 2010, p. 282). Essa teoria destaca a importância de os enlutados enfrentarem a perda, repensando e replanejando suas vidas diante do luto, o que é considerado essencial (STROEBE; SCHUT, 2010, p. 277). Além disso, durante esse processo, há a oportunidade de construção de significado tanto para a perda quanto para o indivíduo, destacando o protagonismo do enlutado e as mudanças resultantes (FRANCO, 2021, p. 83).

Os tipos de luto e as diferentes formas de morte também precisam ser considerados, pois, segundo Kovács (2008, p. 460), eles podem influenciar a elaboração do luto. No entanto, esse aspecto não será o foco desta pesquisa.

3 POSSIBILIDADES DE APOIO AO ENLUTADO NA IGREJA LOCAL

Nos capítulos anteriores, discutiu-se como a compaixão de Jesus, conforme apresentada na Palavra, nos ensina a agir com compaixão e empatia diante do luto. Também conhecemos alguns dos obstáculos contemporâneos que comprometem o cuidado adequado aos enlutados e o conhecimento técnico sobre o luto no Capítulo 2.2. Neste capítulo, discutiremos como a igreja local pode promover uma cultura de acolhimento baseada nos ensinamentos de Cristo e no conhecimento técnico da Tanatologia.

Em qualquer que sejam as possibilidades de apoio ao enlutado, necessitaremos de conhecimento e treinamento específico, além de uma abordagem que muda o foco do luto como problema a ser solucionado para uma experiência a ser cuidada (DIVINE, 2021, p. 15), qual será apresentada a seguir.

Uma abordagem compassiva, tal qual Jesus demonstrou, é aquela na qual a pessoa se demonstra mais presente e não mais afetiva, como explica Parkes:

[...] se mostra mais presente, de forma pragmática, que em silêncio vai resolvendo as tarefas diárias da casa e faz pouca pressão sobre o enlutado. Esta pessoa precisa estar preparada para aceitar sem crítica a tendência do enlutado de expressar sentimentos de raiva ou angústia, que podem até mesmo ser dirigidos àquele que ajuda. Na verdade, pode ser necessário que ela indique ao enlutado que tais comportamentos são esperados e que, portanto, não precisam ser contidos. (PARKES, 1998, p. 205).

Para acolher eficazmente um enlutado, é essencial oferecer presença e escuta (JÚNIOR, 2021, p. 116), sem tentar amenizar ou “superar” a dor, mas sim testemunhá-la e estar presente, como afirma Divine (2021, p. 68). Parkes (1998, p. 205) destacou a importância de permitir que o enlutado expresse seus sentimentos e pensamentos sobre a perda, observando que aqueles que se expressavam mais apresentavam menos problemas fisiológicos. Ele alerta que inibir ativamente pensamentos e sentimentos sobre um trauma pode gerar estresse acumulado, aumentando o risco de doenças relacionadas ao estresse, corrobora Nassiff (2023, p.162). Nesse contexto, Casellato et al. (2015, p. 13) afirmam que a empatia é “a capacidade de compreender o significado e validar a experiência de outra pessoa” e não o colocar-se no lugar do outro, por ser este impossível.

O entendimento dos conceitos e teorias discutidos até agora nos fornece a base necessária para explorar as várias possibilidades de apoio ao enlutado na igreja local. No próximo capítulo, serão abordadas as oportunidades para implantar uma cultura compassiva, fundada nos ensinamentos de Jesus e no conhecimento tanatológico, visando acolher os enlutados de maneira eficaz.

3.1 IMPLANTANDO A CULTURA COMPASSIVA DE JESUS

A implantação de uma cultura compassiva para acolher pessoas enlutadas começa com a identificação dessa necessidade, um despertar, muitas vezes inspirado por um chamado de Deus. Esse processo exige o treinamento em Tanatologia de um líder que sensibiliza a liderança da igreja para criar um departamento ou designar um responsável, visando integrar essa prática na igreja e seus ministérios. É o que defende o Centro de Aconselhamento Restauração e Apoio (CEARA, 2024, não paginado) em seu site sobre o Ministério de Luto.

3.1.1 BOAS PRÁTICAS MINISTERIAIS

Este capítulo apresenta estratégias e práticas eficazes para oferecer suporte empático e estruturado aos enlutados. Essas práticas não só acolhem e apoiam os enlutados, mas também fortalecem a comunidade religiosa como um todo, promovendo uma cultura de compaixão e cuidado. Inicialmente, são destacados alguns ministérios de igrejas evangélicas, embora uma pesquisa na web realizada pelo Google não tenha encontrado exemplos estruturados de suporte ao luto nessas igrejas; algumas igrejas católicas romanas apareceram na busca, enquanto em inglês, muitas igrejas americanas e europeias foram identificadas. Em seguida, são oferecidas sugestões de práticas que podem ser implementadas nas igrejas locais, conforme sugerido por Parkes (1998, p. 214): “muitos religiosos são capazes de oferecer apoio sem pressionar a pessoa a voltar à vida”.

A Primeira Igreja Batista de Curitiba (PR), possui o Ministério de Luto³ “11Km Para Emaús”, estruturado pelo Centro de Aconselhamento Restauração e Apoio. O ministério oferece os seguintes recursos: acolhimento presencial individual, grupo de apoio para enlutados, acolhimento e capacitação da rede de apoio, articulação na igreja e rede de apoio, capacitação de líderes, seminários e workshops, biblioteca física para empréstimos aos enlutados.

A Igreja Missionária de Maringá⁴, liderada pelo pastor e autor Jacó Júnior, lançou durante a pandemia em 2021 um projeto significativo para fornecer conhecimento compassivo sobre o luto a dez mil famílias na região. As famílias enlutadas podiam solicitar gratuitamente o livro “Abrace Sua Dor: Como Elaborar o Luto”, enquanto outras pessoas podiam adquiri-lo a preço de custo para presentear alguém em luto. Esse projeto foi uma resposta direta à situação difícil que muitas famílias enfrentaram durante a pandemia.

3 <https://pibcuritiba.org.br/aconselhamento-luto/>

4 <https://www.facebook.com/carlosfenille/videos/pastor-jac%C3%B3-j%C3%BAnior-fala-sobre-seu-livro-abrace-sua-dor-como-elaborar-o-luto-que-/566419391150674/>

A Igreja Saddleback⁵ no Estado da Califórnia (EUA), oferecem apoio com Grupos de Apoio, encontros, como o inusitado encontro “Luvas para homens enlutados - Soque sua dor de propósito” encontro com prática de arte marcial, esse tipo de abordagem inovadora não só proporciona um espaço para a expressão do luto, mas também promove a socialização. Já a Igreja Good Sheperd Church⁶ no Estado de Illinois (EUA) oferecem apoio com Grupos de Apoio, acolhimento ao enlutado e acompanhamento individual.

O Acolhimento Espiritual no Luto, é uma abordagem que irá utilizar as práticas já mencionadas pelos autores nesta pesquisa, que são o acolhimento (presença) e escuta atenciosa e empática (MALDONADO, 2005, p.62), onde a Palavra bíblica virá na abordagem como fonte de consolo, sempre dentro do contexto do luto e do texto bíblico, como por exemplo, Lucas 24: 13-35 “os enlutados no caminho de Emaús”. Gradativamente conduzir os olhos do enlutado a esperança que há em Cristo, como destaca Piragine (2021, p. 87) ao comentar o desespero de Jeremias (Lamentações 3: 21-24) “Jeremias olhou para cima e pensou sobre quem era seu Deus e, assim, a esperança retornou”.

Sempre levando em conta a importância da atuação de voluntários e religiosos no apoio a pessoas enlutadas, desde que estes sejam bem treinados, como destaca Parkes (1998, p. 213): “não se deve presumir que médicos ou assistentes sociais possuam o treinamento necessário para lidar com o luto, inclusive, recomendam que os enlutados busquem aconselhamento de voluntários.”

Os Grupos de Apoio Cristão⁴ para enlutados funcionam com a mesma abordagem dos Grupos de Apoio para enlutados não cristãos, com a adaptação de suas dinâmicas com ênfase devocional e a prática da oração e encontros sociais inspirativos, que farão parte da proposta. Worden (2013, p. 77) explica que o estabelecimento de “Regras de Base”

5 <https://saddleback.com/connect/ministry/grief-support>

6 <https://www.goodshepherd-naperville.org/connect/care-prayer/grief-support-ministry/>

é importante, pois “elas proporcionam uma estrutura que pode ajudar os membros a se sentirem seguros.” A importância dos grupos de apoio é destacada por Fukumitsu (2019, p. 88), que acredita que esses grupos ampliam a proposta de acolhimento ao sofrimento, auxiliando na ressignificação dos sentimentos e pensamentos dos enlutados e incentivando a descoberta de novas formas de compartilhar a dor, rompendo os padrões de silêncio e segredos.

O Acolhimento Espiritual no Luto e a Capacitação da Rede de Apoio⁴ praticada no 11Km Para Emaús (CEARA, 2024, não paginado), envolvem a prática do acolhimento estendida para incluir a rede de apoio direta, como familiares e amigos do enlutado, que também vivenciam o luto. Além disso, são fornecidas orientações sobre boas práticas no cuidado aos enlutados. Outra prática que observamos no mesmo ministério é a Biblioteca de Luto⁴. Obras sobre luto, sejam de autores cristãos ou de tanatólogos, que estão disponíveis para empréstimos aos enlutados.

Em resumo, as boas práticas ministeriais ressaltam a importância de um apoio estruturado e empático aos enlutados na igreja local, incluindo acolhimento espiritual cuidadoso e capacitação contínua de líderes e voluntários. Essas iniciativas fortalecem não apenas os enlutados, mas também a comunidade como um todo, promovendo compaixão e cuidado em consonância com os valores cristãos. A seguir, serão apresentadas as considerações finais desta pesquisa e suas implicações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, fica evidente que a integração entre os princípios cristãos bíblicos e os conhecimentos da Tanatologia oferecem um caminho sólido para o cuidado do enlutado na igreja local, eliminando teorias e práticas ultrapassadas. A análise das práticas existentes e a revisão da literatura especializada, permitiram a identificação de estratégias eficazes para oferecer apoio ao enlutado de forma compassiva e empática. Assim, a pesquisa respondeu à questão central de como a igreja local pode oferecer um suporte eficaz aos enlutados, combinando os ensinamentos bíblicos com o conhecimento técnico da Tanatologia, ao demonstrar que a implementação de uma cultura de acolhimento e apoio ao luto pode ser alcançada por meio de práticas ministeriais inspiradoras e estratégias integrativas.

Os resultados obtidos indicam que a implementação de uma cultura de acolhimento e apoio ao luto pode ser alcançada por meio de práticas ministeriais inspiradoras, como as observadas no Ministério de Luto “11Km para Emaús” e nos grupos de apoio das demais Igrejas. Essas iniciativas oferecem modelos concretos de como a igreja local pode se tornar um espaço de acolhimento, esperança e seguro para se viver o luto. Além disso, a análise das boas práticas ministeriais revelou a importância do engajamento ativo dos líderes e membros da igreja na promoção do cuidado do luto. Investir em treinamento, recursos e práticas que promovam a compaixão e o cuidado demonstrou ser crucial para criar um ambiente acolhedor e de suporte emocional e espiritual para aqueles que enfrentam a dor da perda.

Portanto, as conclusões deste estudo destacam a necessidade e a viabilidade de uma abordagem integrada entre a prática cristã, a Palavra de Deus, e a ciência no cuidado do luto na igreja local. Recomenda-se que os líderes religiosos e membros da comunidade se comprometam com a implementação dessas práticas, visando proporcionar um apoio significativo aos enlutados e fortalecer o papel da igreja como agente de amor e consolo em meio ao luto.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. C.; REBLIN, I. A.; SALDANHA, M. Igreja Em Rede e Liturgia Online, É Possível? **Estudos Teológicos**, v. 60, n. 2, p. 598-609, maio/ago. 2020.

BOWLBY, J. **Uma Base Segura: Aplicações Clínicas da Teoria do Apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CALVINO, J. **Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses**. São José dos Campos: Editora FIEL, 2010.

CASELLATO, G. et al. **O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

CEARA - CENTRO DE ACONSELHAMENTO RESTAURAÇÃO E APOIO (2024). **Ministério de Luto 11Km Para Emaús**, Curitiba, Primeira Igreja Batista de Curitiba. Disponível em: <https://pibcuritiba.org.br/acoeselhamento-luto/>. Acesso em: 21 de maio de 2024.

DEVINE, M. **Tudo bem não estar tudo bem: Vivendo o luto e a perda em um mundo que não aceita o sofrimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

FERNANDES, U. M. Notas sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo na Análise do Discurso Ecológica. **Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem**, v. 07, n. 01 p. 43-53, janeiro 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36698>. Acesso em: 20 de março de 2024.

FRANCO, M. H. P. **O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus Editorial, 2021.

FUKUMITSU, K. O. **Sobreviventes enlutados por suicídio: Cuidados e intervenções**. São Paulo: Summus Editorial, 2019.

GOOD SHEPHERD CHURCH (2024), **Grief Support Ministry**, Naperville. Disponível em: <https://www.goodshepherd-naperville.org/connect/care-prayer/grief-support-ministry/>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

JONES, M. **O Conhecimento de Cristo**. Brasília: Editora Monergismo, 2018.

JÚNIOR, J **Abrace Sua Dor: como elaborar o luto**. Maringá: Massoni, 2021.

KELLER, T. **Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KIBUUKA, B. G. L.; RODRIGUES, C. J. **Coleção a Patrística: Pais Apostólicos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2021.

KOVACS, M. J. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVACS, M. J. Educação para Morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 25, n. 3, p. 484-497, São Paulo 2005.

KOVÁCS, M. J. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia**, v. 18, n. 41, p. 457-468, São Paulo 2008.

LUZ, R. **Luto é outra palavra para falar de amor**. São Paulo: Ágora, 2021.

LOPES, H. D. **Marcos: o evangelho dos milagres**. São Paulo: Hagnos, 2012.

LOPES, H. D. **Mateus: Jesus, o Rei dos reis**. São Paulo: Hagnos, 2019.

MALDONADO, J **Crises e Perdas na Família: consolando os que sofrem**. Viçosa: Ultimato, 2005.

MCCOWN, W. G. **Dicionário de Ética Cristã**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.

NASSIFF, N **Sorrir Outra Vez: Vivenciando o Desfilhamento**. Bragança Paulista: Autor da Fé, 2023.

PARKES, C. M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

PIRAGINE JÚNIOR, P. **Estou sofrendo: Deus tem respostas para o sofrimento humano**. Curitiba: Águas Profundas, 2021.

SADDLEBACK CHURCH (2024), **Grief Support Ministry**. Saddleback Church, Anaheim. Disponível em: <https://saddleback.com/connect/ministry/grief-support>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

SOARES, E. G. B.; MAUTONI, M. A. DE A. G. **Conversando sobre o luto**. São Paulo: Editora Agora, 2013.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada ARC - Almeida Revista e Corrigida: Com notas de tradução e referências cruzadas**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia: Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

STROEBE, M.; SCHUT, H. The Dual Process Model of Coping with Bereavement: A Decade Later. **Omega - Journal of Death and Dying**, v. 61, n. 4, p. 269–271, Utrecht 2010. Acesso em: 1 de junho de 2024.

TV MARINGÁ. (2021, 10 de setembro). Pastor Jacó Júnior fala sobre seu livro “Abrace sua dor”, Como Elaborar o luto, que será lançado no domingo dia 12 de Setembro. **Paraná Notícias**. Disponível em: <https://www.facebook.com/carlosfenille/videos/pastor-jac%C3%B3-j%C3%BAnior-fala-sobre-seu-livro-abrace-sua-dor-como-elaborar-o-luto-que-/566419391150674/>. Acesso em: 27 de maio de 2024.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental**. São Paulo: Roca, 2013.